

Governo de aliança assentado sobre Quadrilhas

O governo do PT se assenta em quadrilhas que habitam os ministérios, ramificam-se no interior do Estado e se espriam nos altos negócios dos capitalistas. O escandaloso caso de corrupção no ministério dos Transportes é apenas uma das pontas do novelo. A grande imprensa assinalou vários focos de malversação do dinheiro público nos ministérios das Cidades e da Agricultura.

O pipocar de denúncias expõe a tremenda pressão de setores da burguesia sobre o governo do PT e PMDB, circundado pelo PDT, PSB, PR e PCdoB. Sabemos que a grande imprensa serve à oposição liderada pelo PSDB. Mas os fatos de ladroagem são tão evidentes que o governo não se animou a dizer que se trata de uma conspiração. Pelo contrário, Dilma, acuada pelas revelações no ministério dos Transportes, vem procurando mostrar que não compactuará com os ilícitos, uma vez que sejam demonstrados. O que indica a difícil situação do governo petista. A ampla aliança com partidos que vão do PMDB ao PR potenciou as quadrilhas. Ocorre que os interesses são tantos que os asseclas denunciam uns aos outros. Os corruptores e os corrompidos vivem sobressaltados por disputas em torno das fatias do orçamento de cada ministério.

O governo Lula atravessou seu primeiro mandato espremido por escândalos. O PSDB e o DEM trataram de desmascarar a ética e a moral dos petistas, de forma que todos se igualaram. Ficou assentado que nenhum partido e que nenhum governo da ordem capitalista existirá, sobreviverá e progredirá caso não se embrenhe no fosso da corrupção e participe das quadrilhas burguesas que parasitam o Estado.

Dilma foi eleita por Lula e pela aliança oligárquica e fisiológica. O caudilho aburguesado montou essa pirâmide política. O PT não teria sozinho como arrastar as massas ludibriadas para dar a vitória a Dilma. Não se constitui um governo burguês sem os partidos quadrilheiros e sem as frações capitalistas que sugam o Estado. Os políticos e a alta burocracia do Estado se entrelaçam com os poderosos grupos econômicos. Constituem uma relação orgânica. O dinheiro público é manejado sob tais condições. Eis por que os partidos fundidos com a burocracia do Estado e ligados aos capitalistas, que os financiam, forçosamente constituem quadrilhas com chefes, chefetes e comandados. Essa estrutura estatal e governamental expressa leis da política burguesa.

Os conflitos interpartidários se movem segundo essa conformação e segundo as contradições que se manifestam na economia, nas frações interburguesas e na luta de classes. Os choques em torno da corrupção e dos desmandos não têm nada a ver com moral e ética. Correspondem às disputas em torno da dilapidação dos cofres públicos. Os denunciadores o fazem porque são parte das agências partidárias que concorrem pela detenção do poder político e administrativo de manejar o orçamento.

O PSDB e o DEM perderam força eleitoral e foram sendo alijados dos postos de comando do Estado. No entanto, não perderam o poder de agir no intestino da máquina estatal. Isso por que continuam como dois pilares da política burguesa. A brutal corrupção de seus governos foi assimilada pelo PT, uma vez que passou a dirigir o Estado. Quando estava na oposição, os petistas usavam a arma da denúncia de corrupção e as CPIs para se potenciar. Agora, se vêm na posição defensiva diante dos ataques dos adversários.

A Crise no Governo Dilma

O ministério dos Transportes estava sob o controle do Partido da República (PR). Três chefes se destacam: o ministro que caiu Alfredo Nascimento; o senador Blairo Maggi, magnata da soja; o deputado federal Valdemar Costa Neto, da bancada parlamentar dos evangélicos. Esses homens colocaram nos postos milionários dos Transportes prepostos, como Mauro Barbosa (chefe do gabinete), que por sua vez organizou os demais quadrilheiros. O senador Blairo colocou no Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DENIT) Luiz Antônio Pagot e Valdemar Costa Neto apadrinhou Frederico Dias. Mas o PT não ficou de fora. Participou com Hideraldo Caron e Luiz Cláudio Varejão. É assim que funcionam as alianças.

No momento em que explode o escândalo, os facínoras exigem que o governo os proteja. Em nome dos serviços prestados no Congresso Nacional, o PR pressionou Dilma a contornar as denúncias. Porém, o tamanho da sujeira não permitiu abafá-la. O governo foi obrigado a destituir desde o ministro até subordinados menores. Esperava-se uma operação cirúrgica e assim o estancamento da hemorragia. Mas a crise persiste.

O PR prometeu independência perante a aliança governista. Considerou-se traído por Dilma. O senador Blairo Maggi

deixou claro que a fidelidade do PR era a mais canina de todos da aliança. O partido não merecia, portanto, ser defenestrado do ministério dos Transportes sem que o governo o defendesse. Ou seja, que Dilma fizesse o impossível para mantê-los nos cargos. O ex-ministro Alfredo Nascimento discursou no senado acusando o governo de permitir que o PR fosse varrido como lixo. Na política burguesa, a fidelidade é artigo de compra e venda. Os 40 deputados e 7 senadores do PR tinham muito que oferecer. Blairo e Nascimento arrancaram das mangas a fidelidade

para acusar Dilma de tê-los apunhalado pelas costas. O que significa que o PR e seus chefes ficaram à mercê do bombardeio do PSDB e DEM. Nascimento deu o testemunho final: “renunciei ao cargo de ministro no momento em que, diante dos ataques violentos contra mim desferidos, não recebi do governo o apoio que me havia sido prometido pela presidenta Dilma”.

Como se vê, inicialmente, o governo pretendeu proteger o ministro. No entanto, logo viu que estava diante de uma crise política que poderia ser maior do que esperava, no começo de seu mandato. Ou assumia a defesa do PR e enfrentaria a artilharia pesada da imprensa e da oposição; ou cederia aos ataques deixando o PR a descoberto. Optou pela segunda alternativa, uma vez que a oposição não estava à caça do PR e seus capôs. Mas sim do governo Dilma. Portanto, era melhor para o governo sacrificar o fiel aliado e um pouco mais à frente reconquistá-lo. De qualquer forma, o escândalo dos Transportes abriu uma fissura na administração petista. O seu desenvolvimento dependerá das condições econômicas, que evoluem para um patamar mais elevado da crise.

Dilma é responsável pelos aliados

A chamada “faxina” no ministério dos Transportes não contentou a oposição. O PSDB e o DEM querem alargar a fissura na base governamental. O PR e suas façanhas são, afinal de contas, da responsabilidade da presidente. Vale o ditado “diga com quem andas, que te direi quem és”. As denúncias de falcatruas nos ministérios da Agricultura e das Cidades facilitam a ação do PSDB/DEM em prolongar a crise.

O senador Álvaro Dias provocou tremores no Palácio do Planalto ao obter as 27 assinaturas necessárias para a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). A adesão de senadores da base aliada expôs a fragilidade do comando da aliança e o perigo de se perder o controle da situação. A retirada da assinatura de João Durval (PDT) bloqueou a iniciativa do PSDB, mas ainda não se sabe se o risco foi afastado, uma vez que 10 assinaturas são de senadores governistas. Para o governo, é necessário bloquear as forças centrífugas liberadas pela crise no ministério dos Transportes. Uma CPI pode causar um estrago ainda maior nas trincheiras do governo.

As disputas entre governo e oposição em torno da corrupção acobertam os conflitos de política econômica, de distribuição orçamentária para os grupos empresariais e de interesses partidários. O Parlamento serve-lhes de arena. A oposição alijada dos comandos centrais do Estado as transforma em questão nacional, procurando envolver as massas oprimidas. No entanto, volta-se para a classe média, que forma a base eleitoral de todos os partidos burgueses. A classe operária e os camponeses pobres encolhem os ombros porque sabem que a CPI é uma farsa.

O receio do governo não está em que a oposição lidere um movimento popular contra a corrupção. Está em que a CPI funcione como instrumento de luta interna ao Estado. Evitá-la é uma condição para reordenar as forças da base aliada e evitar que o PR se debande para a oposição.

Crise econômica – pressões da burguesia sobre o governo Dilma

Está claro que o Brasil não tem como se manter afastado, imunizado e diferenciado no quadro da crise mundial. Na realidade, a convulsiva situação econômica iniciada em 2008 em nenhum momento deixou de repercutir no País. Não se trata somente da queda do crescimento, que de 7% no primeiro semestre de 2008, passou a ser negativa em 2009 e que nas previsões para 2011 mal alcançará 4,5%. Abriu-se um processo de desequilíbrio generalizado dos fatores que compõem a economia capitalista e que guardam particularidades nos países semicoloniais, como é o caso do Brasil. Observam-se rápidas mudanças na relação entre importação e exportação, na disparada no déficit da conta corrente, na retomada da inflação, no crescimento das dívidas interna e externa, no esgotamento do explosivo endividamento da população e na queda da produção industrial. A desvalorização do dólar frente ao real (câmbio), a inflação e a retomada da elevação das taxas de juros compõem o quadro de atritos entre as frações da burguesia, que se expressam na política econômica do governo.

O capital financeiro exige maior remuneração em suas operações e o capital industrial reclama da queda de seus negócios e da lucratividade. O governo cedeu aos banqueiros e financistas elevando as taxas de juros (Selic). E agora está diante do dilema de atender aos reclamos da burguesia industrial. O ministério da Fazenda se encontra no canto da parede premido pelos banqueiros e industriais. Como o capital financeiro determina, em última instância, as decisões estratégicas do governo, o capital industrial se vê obrigado a sair dos bastidores da política e a recorrer a ações públicas. A campanha da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e da Confederação Nacional das Indústrias (CNI) contra a chamada desindustrialização e de defesa do protecionismo fundamentalmente contra a China é o sintoma do aprofundamento da crise mundial, que se manifesta no Brasil.